

A QUEBRA DO SISTEMA PRODUTIVO DO SEMI-ÁRIDO: O CASO DO ALGODÃO EM CARIRÉ (CE)

Maria Auxiliadora de Medeiros¹
Aldiva Sales Diniz²

RESUMO

Este artigo analisa a quebra do sistema produtivo do semi-árido, tendo como estudo de caso o município de Cariré (Ceará, Brasil), onde o colapso da produção de algodão produziu uma crise econômica e um elevado índice de êxodo rural que resultaram no decréscimo da população nas últimas décadas e em mudanças significativas na reorganização do espaço deste pequeno município. Palavras-chave: Geografia Agrária. Algodão. Semi-árido. Sistema produtivo.

RESUMEN

Este artículo analiza la quiebra del sistema productivo del semi-árido, teniendo como estudio de caso el municipio de Cariré (Ceará, Brasil) donde el colapso de la producción de algodón produjo una crisis económica y un elevado índice de éxodo rural que resultaron en la reducción de la población en las últimas décadas y en cambios significativos en la reorganización del espacio de este pequeño municipio. Palabras-clave: Geografía Agraria. Algodón. Semi-árido. Sistema productivo.

INTRODUÇÃO

Nos anos 1970, a queda do algodão e o desenrolar da política desenvolvimentista, que pretendia modernizar sem mexer na estrutura fundiária, acarretaram uma intensa crise econômica que perdura até hoje no Nordeste. O sertão semi-árido sofreu um forte impacto com tal crise e vem experimentando, desde então, um crescimento desajustado que muito colabora para o avanço das disparidades sócio-espaciais já existentes.

A quebra do sistema produtivo do semi-árido acarretou diversos problemas socioeconômicos, especialmente nos pequenos municípios sertanejos. Como exemplo, temos no Estado do Ceará o município de Cariré, que em função das drásticas mudanças ocorridas com a crise da cotonicultura enfrenta uma certa estagnação que ocorre simultânea a um crescimento populacional negativo, com elevado índice de êxodo rural, fatos que se refletem na organização de seu espaço.

Apresentamos neste artigo alguns dos resultados da pesquisa monográfica (MEDEIROS, 2000) que desenvolvemos no curso de bacharelado em Geografia da UVA com o intuito de investigar a quebra do sistema produtivo do semi-árido e suas implicações no município de Cariré-CE.

¹ Bacharela licenciada em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). E-mail: madmedeiros@hotmail.com

² Professora Ms do Curso de Geografia da UVA. E-mail: aldivadiniz@yahoo.com.br

A PRODUÇÃO DE ALGODÃO NO SEMI-ÁRIDO: ASCENSÃO E CRISE

A economia de todo o globo sofreu transformações com a Revolução Industrial, iniciada em meados do século XVIII. De forma particular, esta revolução também influenciou a economia do Nordeste brasileiro através do binômio gado-algodão. Conforme Oliveira (1977, p. 47):

O Nordeste agrário não açucareiro começara a ser redefinido completamente pela entrada em cena de outro ator: o algodão. Como seqüelas da Revolução Industrial, e principalmente, do avanço da indústria têxtil na economia inglesa, a demanda mundial de algodão começou a crescer exponencialmente.

Cultivado pelos grandes e pequenos proprietários, assim como pelos foreiros e moradores de condição, o algodão é tido como um produto democrático, permitindo que seu cultivo seja feito em consórcio com as culturas de subsistência. Isto possibilita ao pequeno agricultor preparar a terra para ambas as finalidades – o cultivo do algodão e a agricultura de subsistência.

A folha do algodão servia para o alimento dos rebanhos bovinos nos períodos secos. As ramas do feijão e as palhas e folhas do milho conservadas dentro dos cercados depois da colheita também formavam as forragens que serviam para alimentar o gado nos períodos de estiagem.

As condições climáticas do Nordeste favoreciam a expansão da cultura algodoeira, permitindo o cultivo do algodão mocó ou seridó, que é um algodão de fibra longa, melhor utilizado industrialmente, fato que lhe conferia altos preços no mercado.

Simultaneamente à ascensão do algodão, dá-se a decadência da economia açucareira, fato que propiciou o deslocamento de grande contingente populacional do litoral para o sertão, ampliando o estágio de ocupação do espaço cearense. Nesse período, o algodão passou a ter papel fundamental no desenvolvimento das indústrias têxteis e de confecções, fase em que o espaço do “Nordeste agrário não açucareiro converte-se num vasto algodão desde o Maranhão à Bahia” (OLIVEIRA, 1977, p. 47).

Durante a primeira e a segunda guerras de independência dos Estados Unidos e no ensejo da Guerra de Secessão, o abastecimento de algodão norte-americano foi estancado, gerando uma procura por outras fontes de abastecimento. Neste momento, o Nordeste do Brasil se sobressai, suprimindo a carência algodoeira norte-americana. Assim, o algodão cearense atinge o seu auge, porém mantendo a pecuária extensiva.

No início do século XIX, o Ceará exporta algodão diretamente para o mercado externo. A partir daí, a cotonicultura teve rápida expansão, como já foi visto, ela facilitou a atividade criatória, pois o gado se alimenta das folhas do algodoeiro, logo após a colheita da pluma e no início da cultura o gado ainda se alimenta das sementes na estação seca (SILVA, 1982, p. 86).

A sociedade algodoeira não se hierarquizou de forma tão rígida como a sociedade açucareira, embora nos períodos mais favoráveis se tenham formado grandes unidades de produção, empregando o trabalho escravo. Deveu-se isso a uma série de fatores; entre estes, salienta-se que a cultura algodoeira permitia ao agricultor intercalar em seu cultivo as culturas alimentares, sem acarretar prejuízo para nenhuma das culturas, fato que estimulava a policultura, o auto-abastecimento e a formação de pequenas propriedades.

Contudo, passadas as guerras norte-americanas, o Nordeste começa a perder espaço no mercado internacional, sofrendo uma significativa retração. Sem esse espaço para o algodão no mercado internacional, desenvolveu-se no Brasil a indústria têxtil, que atendia ao consumo de tecidos da população pobre, assim como oferecia outra alternativa para o algodão nordestino, contribuindo para o surgimento das primeiras fábricas nacionais, fortalecendo com isso o mercado interno.

O algodão mocó, que embora tenha sua história marcada por sucessos e crises, até então era o produto principal, que melhor representava a economia nordestina.

Até a década de 60 esse sistema se mantém e se reproduz sem conhecer nenhuma ruptura significativa, apesar de ter enfrentado inúmeras crises circunstanciais, como secas, pragas e até mesmo preço. É somente a partir dos anos 70 que o sistema começa a conhecer algumas rupturas e que tem início a sua desestruturação. (JOCA, 1993, p. 47).

Vale salientar que exatamente nesse período se consolida o processo de modernização no campo, efetivada inicialmente pela SUDENE e depois pelo DNOCS.

Em contraponto, a cultura do algodão dispensava o uso de implementos e maquinarias, pois todo trabalho de cultivo e colheita era feito manualmente e, não raro, os únicos insumos utilizados eram sementes. Plantado em consórcio com o milho e o feijão, deixando, após a colheita, a forragem para o gado, o algodão permitia um casamento perfeito com a pecuária e as culturas alimentícias, bem como possibilitava aos pequenos proprietários e parceiros uma renda necessária para a compra dos produtos que eles não produziam.

Essas culturas representavam um entrave aos anseios de modernização do país, pois, embora o algodão representasse uma cultura muito significativa, ela não era uma *plantation*. Ao contrário, era mantida em diversos pequenos roçados, que não auferiam grandes lucros, como exigia o sistema produtivo dominante. Contudo, com a junção dos produtos da pecuária e das culturas alimentares na renda final, ocorria uma mudança positiva, e tanto os grandes quanto os pequenos produtores usufruíam seus benefícios.

A preferência pela pecuária e pela prática de uma moderna agricultura fez com que o morador deixasse de ser parceiro para se tornar um assalariado, cujo vínculo com a terra em que produz lhe é duramente negado. Seu desenraizamento se efetiva por completo quando o algodão mocó é trocado pelo herbáceo, pois a produção deste último aceitava maior investimento e fornecia maiores lucros.

Foi a seca de 1979-1983 e o aparecimento da praga do bicudo, em 1986, que vieram a desnudar a crise em que estava envolvido o sistema produtivo gado/algodão/culturas alimentares. E não foi somente a seca e o bicudo. Foi também a retomada das mobilizações das lutas pelo movimento social dos trabalhadores rurais no final dos anos 70 (JOCA, 1993, p. 53).

A mobilização dos trabalhadores em defesa do cumprimento do Estatuto do Trabalhador Rural deixava os proprietários temerosos de que aqueles viessem a lhes tomar as propriedades em que produziam. Tentavam, portanto, de todo modo se livrar dos encargos trabalhistas, ainda mais quando uma das culturas mantidas era o algodão mocó, que se caracterizava como um bem de raiz.

Foi estratégico atribuir toda a culpa da crise algodoeira ao bicudo. Mas, quando atentamos para a cronologia dos fatos, verificamos que o advento do bicudo só veio a acontecer em 1986, enquanto a crise se inicia nos anos 1970, com a queda da produção, com a perda na qualidade da fibra do algodão e com uma significativa baixa no preço.

Diante da quebra do algodão, causando inúmeras mudanças nas relações de produção, toda a economia do sertão semi-árido foi abalada, gerando uma intensa crise econômica que perdura até hoje. As drásticas mudanças no sistema produtivo afetaram o semi-árido de maneira geral, atingindo de forma particular as economias de pequenos municípios; e estes reagem de acordo com suas especificidades, exprimindo em sua organização espacial as marcas de tal crise.

É o caso do município de Cariré, que tem sua produção espacial marcada inicialmente pela ascensão, depois pela quebra da produção do algodão, afetando seu desenvolvimento político, econômico e social, fato que detalharemos na seqüência.

A QUEBRA DO SISTEMA PRODUTIVO DE CARIRÉ

O município de Cariré está localizado na região Norte do Estado do Ceará, possuindo uma área de 683 Km². Situado a 273 km da capital, seu acesso se dá pela CE-183 e BR-222.

Integrado à microrregião de Sobral, Cariré se encontra inserido na zona do semi-árido (á-

rea denominada como polígono das secas), precisamente dentro da Depressão Sertaneja.

Cariré é um nome de origem indígena que, segundo Pompeu Sobrinho, vem de cari (peixe) + ré (diferente), assim, Cariré, significaria “peixe diferente”.

A paisagem de Cariré registra a história do povo, exibindo suas marcas e sinais deixados pelo tempo. O início de sua história está diretamente ligado ao então promissor município de Sobral, apresentando-se por muito tempo como um de seus distritos.

Um dos principais marcos da história de Cariré está datado do dia 1º de novembro de 1891, quando o pequeno povoado é alcançado pela Rede de Viação Cearense (RVC), que o interligava com as principais cidades da região norte do Ceará através da estrada de ferro.

Diante da carência de fontes bibliográficas sobre Cariré, recorreremos à história oral, no intuito de resgatarmos nas falas e experiências dos antigos moradores e as suas percepções sobre o espaço vivido.

Pe. Helênio, por exemplo, que se diz apenas um curioso, é, na verdade, um grande conhecedor da história do município, e muito contribuiu para este breve resgate.

Sei, de oitiva, que Cariré se chamava anteriormente de “Lagoa do Mato”, tomando o nome de Cariré de uma fazenda vizinha que pertencia ao português Manuel Coutinho da Luz; talvez seja o Cariré Velho, onde morava a família Cavalcante. Era o que ensinava Dona Rosenir Aguiar, nas Escolas Reunidas.

Cariré surgia lentamente, esbanjando a riqueza natural do rio Acaraú, que associado à grande fecundidade de suas terras, possibilitava o bom desenvolvimento das fazendas ali instaladas. Mas era para Sobral que convergia todo o movimento de compra e venda, bem como era para lá que iam os comboios que vez por outra passavam por Cariré, sabendo-se que as terras carirenses eram pertencentes ao município de Sobral, do qual Cariré era distrito.

A luz de lamparina alumia o casario pobre e esquecido em meio àqueles remotos rincões do alto sertão da zona norte [...] um pobre arraial perdido no meio do mundo, sem maiores perspectivas porque encontrava-se isolado quase que totalmente do resto do Estado. Os comboios que iam e vinham por seus caminhos e picadas tinham quase sempre um só destino ou ponto de partida, Sobral. Em Sobral, a gente de Cariré vendia e comprava bastante para ir mantendo a existência trivial naqueles pagos bons tempos de plantar e criar (CARIRÉ, 1997, p. 2).

Cariré permaneceu, no decorrer do século XVIII, como o tímido povoado inserido no sertão norte, com terras férteis próximas ao rio que, embora não fosse ainda perene, representava a garantia de água o ano inteiro, pois no período de estiagem as cacimbas cavadas em seu leito seco saciavam a sede e mantinham firme a vida.

Mas o século XIX prometia muitos progressos, haja vista a transição da economia, que agora valorizava a atividade mercantil e, conseqüentemente, a aglomeração. Segundo Sousa (1995, p.105), “somente a partir do século XIX, as vilas e cidades passaram a refletir a necessidade de uma organização administrativa que se impunha pela evolução econômica e social”.

O município de Sobral, líder desde o século XVIII, permanecia com esse mérito, e ainda na primeira metade do século XIX já se destacava no comércio de exportação de carnes e couro; quando o algodão passou a se destacar na economia regional, o município também se adaptou para a comercialização deste ascendente produto.

Cariré, que então era um de seus distritos, também sentia reflexos do desenvolvimento vivido pela sua sede, e contribuía para que este acontecesse, oferecendo, quando no auge da indústria de curtume, a matéria prima necessária, e no emergir do algodão fornecia também grandes quantidades desse produto. Mas não existia um serviço de transporte que atendesse à demanda, já que a utilização de animais de carga como único meio terrestre atrasaria por demais o comércio.

O algodão, a cujo cultivo o cearense se vinha afeiçoando lentamente desde

1777 (ano de uma seca anterior), passa a primeiro plano como fator de riqueza, riqueza que é preciso, porém, ser movimentada ativamente e dirigida ao litoral. Faz-se para isso necessária radical transformação dos meios de transporte. (BRASIL, 1972, p. 113).

Nesse período (início do século XIX), o Ceará exporta algodão diretamente para o mercado externo, ressaltando que sua rápida ascensão não excluía a cultura da pecuária extensiva; ao contrário, dava vezes para que esta melhor se reproduzisse.

A necessidade de um meio de transporte para escoar a produção do interior para os portos do litoral coincidiu, em 1825, com o surgimento, na Grã-Bretanha, do primeiro trem de ferro do mundo (FREIRE, 1984).

De 1860 em diante, começam a surgir ferrovias em quase todo o Brasil. A busca insaciável pelo progresso fazia-se avançar pela conquista dos espaços. Por onde passava a linha férrea que cortava a caatinga, fazia brotar povoados, e nos lugares destinados à parada do trem, onde havia a estação, reinava a forte possibilidade de crescimento, atraindo muitos moradores, que logo construíam uma pequena igreja, não tardando a constituir populosas cidades, cujo comércio e a fé cristã cresciam aceleradamente.

Em Cariré, a estrada de ferro representou maior alento para sua evolução. A inauguração da estação encheu de encanto a pacata vila. Bem próximo à estação estava o virador, que coincidia com um lugar cuja beleza natural das matas virgens, nas proximidades de um açude, formava um cenário admirado por todos, tornando tradicional o passeio na linha.

Assentada em terras doadas por uma senhora conhecida como Federalina, a pequena estação de Cariré trouxe consigo a semente de progresso para esta comunidade. A partir de então tudo girava em torno da linha férrea. Era o trem que levava a lã do algodão, a cera de carnaúba, a oiticica etc., e trazia, além de novidades dos visitantes, produtos como: jornais, rádio, sal, e demais mantimentos para o comércio local.

Existia sempre muita ansiedade na espera da chegada do trem na estação. Moças e rapazes tinham essa espera como grande diversão, sendo que a paquera e a possibilidade de encontro com algum viajante especial lhes causava grande animação. “Uma espera de trem, quando longa e demorada por um atraso, suscitava, em vez da frustração uma nova esperança, e todo mundo se sentia ameaçado por uma expectativa alvissareira” (FREIRE, 1984, p. 36).

Quando o trem estacionava, era grande o movimento: comerciantes e fazendeiros apressados para pegar suas encomendas, viajantes à procura de seus parentes, etc. Não podemos deixar de citar, neste momento, a presença dos meninos do arroz doce. Como o trem parava em nossa estação mais ou menos às onze e meia, hora de almoço, essas crianças aproveitavam a parada para vender aos passageiros arroz doce, doce de leite e paçoca, produtos muito apreciados pelos viajantes e que eram preparados pelos moradores das proximidades da estação. “Olha o arroz doce ! Olha o doce de leite !”

Este fato levou ao Brasil inteiro, para onde quer que se direcionassem os passageiros que por aqui passavam, a identificação de Cariré como a “Terra do Arroz Doce”, título que prevalece ainda hoje, em nível regional.

E nas paradas das estações havia a efusão de encontros [...]. E quando o trem saía se intensificavam os olhares, multiplicavam-se os acenos, as mãos e os lenços que se agitavam das janelinhas eram correspondidas pelas mãos e os lenços que ficavam, saudosos. (FREIRE, 1984, p. 35).

A fé cristã também foi fator determinante para o desenvolvimento desse lugarejo. Seis anos depois da inauguração da estrada de ferro, era inaugurada a “Igrejinha”, como é chamada ainda hoje, sendo escolhido, depois, Santo Antônio como padroeiro. Arcelino Freire e Dr. João Tomé de Sabóia e Silva, o então engenheiro e diretor da estrada de ferro de Sobral, entre outros, muito contribuíram para a edificação desta.

O povoado de Cariré, ainda distrito de Sobral, já dispunha dos principais condicionadores para o seu progresso, pois com a capela a fé crescia com fervor e toda comunidade já vivia inten-

samente o calendário religioso, e agora o povoado se encontrava interligado pela via férrea com importantes cidades, podendo, com isso, evoluir sua vida comercial.

No dia 16 de setembro de 1929, Cariré foi elevado a município pela lei n.º 2704, quando sua sede passou de povoado a vila, fato que se deu no governo do Dr. Matos Peixoto.

Este município pouco comemorou, pois uma nova lei cassou a autonomia municipal de Cariré, como a de muitos outros municípios, e este voltou a ser distrito de Sobral pelo decreto n.º 193, de 20 de maio de 1931. Só no ano de 1935, pelo decreto n.º 157, de 23 de setembro, é que teve a sua restauração, e desta vez com território menor do que aquele criado em 1929. Três anos depois, a vila de Cariré é elevada a cidade pelo decreto n.º 448 de 20 de dezembro de 1938.

Definitivamente elevado a município, Cariré se desenvolvia processualmente nos seus mais variados aspectos: religioso, político, econômico e social

Os produtos que sustentam a economia do município são a cera de carnaúba, os cereais e o algodão, de cujo beneficiamento há na sede uma bem instalada usina, de propriedade do referido Elísio Aguiar. O comércio é animado, notadamente o de exportação. A pecuária desenvolve-se satisfatoriamente, havendo boas fazendas de criar [...] (GIRÃO; MARTINS FILHO, 1939, p. 142).

Além dos produtos citados, tinha ainda a oiticica e o paco-paco (planta da família das malváceas). Mas, dentre todos, destacava-se o algodão, o nosso ouro branco, que abriu caminhos para o desenvolvimento de espaços antes esquecidos no seio do semi-árido do Nordeste.

Inserido no semi-árido nordestino, Cariré também florescia com o algodão, que passou a ser produto principal na sua economia, não desprezando as demais culturas, ao contrário, dando-lhe melhores condições de existência.

É desse Cariré que fala Pe. Helênio em seu poema “Meu Cariré de menino”; as preciosas lembranças de sua infância muito nos serviram para interpretar a realidade da época e compreender melhor o presente.

Obtivemos deste padre, entre outras, as seguintes informações sobre Cariré no passado (depois de emancipado), transcrito integralmente:

Quanto à base de sustentação econômica, informo o que via nos tempos de infância. Muita produção de algodão demandava muitos armazéns para comerciá-lo. Duas fábricas de beneficiamento. O caroço ficava para ração do gado. A lã era exportada para as fábricas de tecido. Muita cera de carnaúba, classificada em branca e gordurosa (preta). Muita oiticica, apanhada nas margens dos rios. Ainda, em menor escala, a fibra de paco-paco. A isso se junta a produção de milho, feijão e arroz.

As feiras, segundo Pe. Helênio, eram bem diferentes das de hoje. Naquele tempo era fruta, farinha, sal, só produtos da região, com a presença significativa dos comboieiros, enquanto hoje a feira é quase que totalmente composta por camelôs.

Nas manhãs de terça-feira
a alegre chocalhada
das tropas de comboieiros
da Serra Grande chegava
manzape, pé de moleque,
o povo se abastecia
se comprava e se vendia.

(Fragmento do poema “Meu Cariré de menino”)

O Pe. Helênio nos fala ainda do comércio, que parecia bem evoluído para a época:

Naquele tempo eu me lembro
Tantas lojas na cidade
Onde havia variedade
De brim riscado e algodão
Morim cambraia, cáqui e seda,
Mescla, mandapolão.
Se encontravam em quantidade
Tudo de boa qualidade
Mas agora, confecção...

(Fragmento do poema “Meu Cariré de menino”).

O setor industrial, segundo Pe. Helênio, apresentava o beneficiamento do algodão, arroz e milho. A indústria artesanal se caracterizava pela fabricação de rendas para o consumo local e sobretudo de chapéus de palha, que Manoel Aprijo Soares Araújo, e depois Raimundo de Sá Cordeiro, exportavam para quase todo o Brasil.

A exportação de chapéu de palha e facão era comandada pelo seu Aprijo, que residia na zona rural do município, na comunidade de Tapuio. Embora esta comunidade pertencesse à zona rural, viveu bons tempos no passado, quando dispunha de feira livre, mercado com lojas de tecidos, fábrica de ferragem e ainda fazia o beneficiamento e exportação do chapéu de palha, que ia principalmente para a cidade de Tupã no Estado de São Paulo.

A palha de carnaúba
em chapéu se transformava
que para todo Brasil,
o seu Aprijo exportava;
rendas, costuras bordados,
de tudo havia na cidade;
mulheres, moças, meninas
eram artesãs de verdade.

(Fragmento do poema “Meu Cariré de menino”).

Hoje, em Tapuio, resta a história contada pelos mais velhos. O velho galpão que dava lugar à fábrica de ferragens encontra-se bem deteriorado e o mercado, com seus vários espaços, é utilizado para outros fins, como moradia, pequenas bodegas, quando não fechados.

A feira, que já teve grande importância para esta comunidade, foi deixando de existir a partir do surgimento da feira de Cariré (sede). Hoje, só está presente na memória dos moradores que tiveram o privilégio de conviver com esse tempo “das vacas gordas”. Tapuio ainda se destaca como uma das localidades rurais de Cariré. Por estar mais próxima do rio Acaraú, tem se desenvolvido bem, tendo a produção da cera de carnaúba como o principal sustentáculo da sua economia.

Porém, a quebra do sistema produtivo do semi-árido afetou fortemente a economia do município de Cariré, e particularmente da comunidade de Tapuio, que sofreu um impacto na sua produção de algodão, de cera de carnaúba e demais produtos locais.

Cabe lembrar aqui que, no final da década de 50 e início da de 60, o suprimento de algodão, matéria-prima da qual o Ceará é grande produtor, que nunca fora problemático, a não ser em momentos de secas, passa a se constituir em problema de razoável proporção para a indústria têxtil cearense (VIANA, 1988, p. 252).

A partir de 1980, diversas instituições importantes fecharam as suas portas em Cariré, como: Coletoria, Banco do Brasil, RFFSA. Até a tradicional festa de vaquejada, que merecia destaque entre os festejos do município, foi afetada com os reflexos dessa crise.

A festa de vaquejada
 Do vaqueiro tradicional
 Cedeu lugar ao comércio
 E ao homem do capital.
 Também o governo acabou
 Com o nosso curso normal
 (PAIVA, 1999).

Com base nos dados do IBGE, verificamos no município uma certa estagnação, que ocorre paralela a um crescimento populacional negativo, com grande ênfase para as áreas rurais. Cariré tem sofrido perdas populacionais nos últimos 50 anos, pois tinha em 1950 uma população de 21.020 habitantes que foi reduzida para 18.989 em 2000 (Tabela 1). Vale ressaltar que o território do município também foi reduzido com a independência do distrito de Groaíras, que se tornou município em 1954.

Tabela 1 - Evolução populacional de Cariré

Censo	Total (hab)	Urbana (hab)		Rural (hab)	
		Nº	%	Nº	%
1950	21.020	1.831	8,71	19.189	91,28
1970	19.372	1.854	9,57	17.518	90,42
1980	18.311	2.988	16,31	15.373	83,95
1991	17.755	3.822	21,52	13.933	78,47
1996	18.223	4.673	25,54	13.550	74,35
2000	18.989	5.792	30,50	13.197	69,49

Fonte: IBGE; Censos 1950, 1970, 1980, 1991 e 2000; Contagem Populacional de 1996.

Observamos ainda na Tabela 1 que houve um significativo declínio da população rural e conseqüente aumento da população urbana neste período. Constatamos que em 1950 a população rural representava 91,28%, enquanto a urbana era equivalente a 8,71%. Em 2000, a rural cai para 69,49% e a urbana aumenta para 30,50%. Parte da população expulsa da área rural dirigia-se a grandes centros, como Rio de Janeiro e São Paulo, fato que se verifica pela redução populacional do município como um todo.

O êxodo rural ganhou maior intensidade no Brasil a partir de 1950. A causa principal para a evolução deste processo reside no avanço do sistema capitalista de produção que exige, para seu desenvolvimento pleno, uma concentração demográfica de preferência nos grandes centros urbanos, para assim gerar, entre outras, facilidades de infra-estrutura e consumo.

Assim, a concentração de terras, a falta de uma política agrícola voltada para o pequeno produtor, a política de modernização e a indústria da seca são os principais fatores que impossibilitam a permanência do trabalhador no campo, levando-o a procurar trabalho e melhores condições de vida nas cidades. Atrélados aos fatores que chamamos de expulsão, estão os de atração. São eles que determinam o rumo que tomará a população expulsa.

Sob a influência dos meios de comunicação, o trabalhador é chamado aos grandes e médios centros urbanos, alimentando o sonho de trabalho digno nas atividades industriais. Mas, na verdade, estes serão forçados a vender sua força de trabalho em troca de salários injustos, formando o contingente de reserva necessário para o pleno desenvolvimento do sistema econômico vigente.

O pequeno produtor se sente forçado a migrar, pois encontra-se sem poder de competitividade com o mercado globalizado, onde ele terá necessariamente de disputar espaço com grandes proprietários, não apenas locais, como também de outras regiões, proprietários estes que utilizam para o cultivo da terra facilidades diversas, tais como: técnicas modernas, implementos e maquinarias, empréstimos bancários etc.

Desprovidos de condições de cultivo da terra, o trabalhador rural é expulso do campo, e

em alguns casos, antes de buscar melhores condições nos grandes centros, procura viver na sede do seu município bem mais perto do seu “torrão”, contribuindo assim para que haja um crescimento das periferias urbanas.

Outro fator que justifica esse crescimento acelerado é a mudança no fluxo migratório que tem ocorrido nas últimas décadas. Os movimentos de longa distância perderam espaço para os de curta, para as migrações intra-regionais e intra-estaduais.

É interessante lembrar que hoje as cidades médias são preferidas por ofertarem maiores opções de trabalho, uma crescente e diversificada prestação de serviços e uma opção de vida mais tranqüila, quando comparadas às metrópoles.

No contexto dessas mudanças engendradas pelo êxodo rural em Cariré, destaca-se o bairro Campo de Aviação, onde desenvolvemos nossa análise de campo. O crescimento do bairro Campo de Aviação foi possível através da execução da lei municipal nº 63/87, regulamentada pelo decreto municipal nº 008/88, que autoriza a Prefeitura Municipal distribuir lotes de terra, dando ao beneficiário o direito de uso do terreno, sendo o mesmo obrigado a construir a casa no prazo de dois anos. Caso contrário, o beneficiário perderia a concessão e a Prefeitura Municipal o indenizaria pelas benfeitorias realizadas no terreno.

Praticamente todos os terrenos doados estavam no bairro Campo de Aviação, fato que muito contribuiu para o seu acelerado crescimento, assim como possibilitou ao trabalhador expulso da área rural morar na sede do município.

Contudo, o trabalhador desempregado vê-se forçado a trabalhar no que sempre fez: a agricultura. Morando na cidade, o trabalhador se desloca em média oito quilômetros para exercer a atividade agrícola.

Depreende-se, então, que este trabalhador se torna urbano pela residência e não pela atividade produtiva, formando o que Sales (1982) denomina moradores de “pontas de rua”. No caso dos moradores do Campo de Aviação, 63,33% dos entrevistados continuam exercendo atividades agrícolas, embora já residam na cidade.

Vale salientar que, dos entrevistados, 6,66% plantam no quintal da casa, garantindo assim o milho verde no período chuvoso.

Cariré de outros tempos,
Cariré de antigamente...
tá na lembrança da gente
uma história que passou,
uma história que vivi,
que nunca mais esqueci
mas muita coisa mudou.

(Fragmento do poema “Meu Cariré de menino”)

A pesquisa feita no bairro nos revela que 66,66% dos moradores vieram das áreas rurais em busca de maiores facilidades, como proximidade dos hospitais, farmácias, mercado, escolas etc. Verificamos também que 30% dos moradores entrevistados são formados por trabalhadores rurais aposentados, que já não produzem e buscam o bairro para o repouso de sua velhice, por ser mais próximo da área central do município e dos serviços ofertados.

Como o trabalho do campo deixou de estimular, a juventude procura o centro-sul do País e a agricultura permanece na mão dos idosos. E os idosos vieram para as cidades, pois tem água mais fácil, energia mais fácil, e uma qualidade de vida supostamente melhor (Pe. Helênio).

Alguns dos entrevistados afirmam ter percorrido outros municípios e até cidades grandes (como Rio de Janeiro), mas terminaram fixando residência no Campo de Aviação por ter mais facilidades, até mesmo para plantar.

No entanto, o bairro registra um crescimento não só da sua população, mas também da sua infra-estrutura. Em julho de 1999, foi inaugurada no Campo de Aviação a Escola de Ensino

Fundamental Dona Maria José Rodrigues Ponte, que atendia a crianças de 1ª à 4ª séries, tendo hoje ampliado seu quadro para atender as séries de todo o ensino fundamental. A escola é mantida pelo FUNDEF (Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental), em convênio com a Prefeitura. Ademais, foram construídas 30 casas populares, valorizando cada vez mais esse espaço do município.

Quando questionamos os entrevistados porque saíram do campo, porque escolheram o bairro Campo de Aviação para morar e qual a atividade que exercem hoje, comumente se ouve:

O povo todo se mudando pra rua, a gente fez força pra vir também. Aqui tem médico, de lá pra cá se tem uma doença ruim até morre. Já tem morrido gente nos caminho. A gente que já é de idade tem de procurar a rua. Aqui no Campo [de Aviação] tem facilidade de água, é muito tranqüilo. Meu marido planta todos os anos (Moradora do Bairro).

Lá as coisas era mais difícil do que aqui. O cara trabaia o ano todo brocando roçado pra ganhar uma mixaria no alqueiro de milho. Escolhi o Campo [de Aviação] porque aqui as casa era mais barata. Passo uns mês lá no Rio, mas volto e faço minha roça aqui. Trabaio de pedreiro também, mas tô parado agora. (Morador do Bairro)

Sendo assim, o Campo de Aviação atraiu para seu espaço parte dos moradores expulsos das áreas rurais, oferecendo, além das facilidades de infra-estrutura, a compensação de um cotidiano tranqüilo, cuja boa vizinhança recorda os laços de amizade do interior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apresentadas demonstraram que a queda do algodão e o desenrolar da política desenvolvimentista de meados dos anos de 1950, que pretendia modernizar sem mexer na estrutura fundiária, acarretaram uma intensa crise econômica que perdura até hoje no semi-árido nordestino.

Desprovido de condições de permanência no campo, o trabalhador expulso, antes de partir para os grandes centros, procura a sede do seu município em busca de melhores condições de vida. Em Cariré, por exemplo, destaca-se o bairro Campo de Aviação, que tem tido um acelerado crescimento populacional, fato que contribui para a existência de “pontas de rua”, ou seja, de trabalhadores expulsos do campo que se encontram na cidade, geralmente sem qualificação para os postos de trabalhos urbanos.

Conhecido devido ao pouso mal sucedido de um helicóptero, o bairro Campo de Aviação se configura na cidade como lugar ideal para o abrigo desses moradores rurais decididos, por imposição do contexto político-econômico e social do momento, a se tornar cidadãos.

Sendo assim, as transformações em Cariré refletem as ações do Estado capitalista, que tem criado mecanismos que levam à segregação das pessoas e lugares. Esta segregação espacial pode resultar também de uma ação direta e explícita do poder público, quando cria núcleos urbanos, vilas, conjuntos habitacionais e “pontas de rua”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **O processo de ocupação do espaço regional do Nordeste**. Recife: SUDENE, 1975.

BRASIL, João Pompeu de Souza. Tentativa de interpretação histórica de sua ação polarizadora sobre a região. **Revista de Ciências Sociais**, v. 2, n. 2. 1972

CARIRÉ. Prefeitura Municipal. Secretaria de Agricultura de Cariré. **Plano Municipal de Desenvolvimento de Cariré**. Cariré, 1997.

FREIRE, Luís Ximenes. **Paixão ferroviária**. [s.l.], 1984.

- GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. **O Ceará**. Fortaleza, 1939.
- JOCA, Tereza Helena de Paula. **A agricultura do semi-árido do Ceará nos últimos 20 anos**. In: FÓRUM DA SOCIEDADE CIVIL CEARENSE SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. Diagnóstico sócio-ambiental do Estado do Ceará: o olhar da sociedade civil. Fortaleza, 1993.
- MEDEIROS, Maria Auxiliadora de. **A quebra do sistema produtivo do semi-árido: o caso de Cariré**. 98 f. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Curso de Geografia, Centro de Ciências Humanas, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Sobral, 2000.
- OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma re(li)gião**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- PAIVA, Anastácio Gerônimo de. **Salada poética**. Cariré, 1999.
- PEREIRA, J. Helênio. **Meu Cariré de menino**. Tamboril, 1996.
- SALES, Teresa. **Agrestes: transformações recentes na agricultura nordestina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SILVA, Maria Marlene et. al. **Sertão norte: área do sistema gado-algodão**. Recife: SUDENE, 1982.
- SOUSA, Salete. O crescimento das cidades no Ceará e sua evolução. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 4., **Anais...**, Fortaleza, 1995.
- VIANA, Carlos Negreiros. **A indústria têxtil do algodão no Ceará (1881-1973): uma experiência de industrialização fora do centro-sul**. Dissertação... [s.l.], 1988.